



Guilherme Pinto da Silva

Aposta nas lembranças de Brasília para os visitantes

Arquivo Público

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Coragem, honestidade e disposição total para o trabalho. Foi apenas com isso — e com a própria cara — que o português da Cidade do Porto Guilherme Pinto da Silva chegou a Brasília, vindo de São Paulo, em setembro de 1959. Sem promessa nenhuma de emprego, sem a família — que ficara em Portugal — e sem local para morar. “Decidi ficar por aqui na mesma hora em que cheguei”, garante o pioneiro de 89 anos, que trabalha até hoje no mesmo ramo daquela época: a confecção de souvenirs para quem visita a cidade.

Guilherme veio para Brasília por pura insistência de um amigo, vizinho de seu escritório em São Paulo. “O Anselmo vinha para Goiânia todo fim de semana e sempre me chamava dizendo que eu ia me apaixonar por Brasília. De tanto que ele falou, um dia eu disse que vinha e daqui não saí mais”, conta Guilherme.

Quando ele chegou a Brasília, precisava arranjar logo um local para morar e acabou se surpreendendo com a hospitalidade da cidade. “Achei que ia ser difícil, mas logo encontrei vaga no acampamento da Candangolândia. As pessoas sempre se ajudavam naquela época”, lembra o saudoso pioneiro.

Devidamente instalado em seu acampamento, agora era a hora de começar a trabalhar. “Quando vim a Brasília, logo pensei: que



sorte a cidade ainda não ter uma empresa de brindes, pois é exatamente isso que eu sei fazer”, conta o comerciante. Dessa forma, Guilherme logo abriu a Souvenir Brasília, loja de brindes que começou no saguão do Hotel Imperial e, depois de passar por outros endereços, está atualmente no Hotel Nacional. “Fui o primeiro a pensar na propaganda da capital federal em outros estados,

pois todo mundo que vinha aqui queria uma lembrança para levar para casa”, afirma, acrescentando orgulhar-se muito disso.

O contato inicial com os souvenirs da cidade veio na primeira inauguração do aeroporto, quando ele ainda era de madeira. “O Lauro Santos me convidou para vender broches e miniaturas alusivos à cidade no aeroporto e eu fui”, afirma. Lá, Guilherme co-

nheceu Israel Pinheiro e reencontrou Juscelino Kubitschek, com quem já havia conversado em Belo Horizonte, “quando o assunto ainda nem era Brasília”. A ligação com a família Kubitschek dura até hoje, assim como a admiração de Guilherme pelo ex-presidente. “Se não fossem a coragem e a determinação deste homem, estaríamos todos no Rio de Janeiro até hoje, nos esbarran-

DA LOJA DE SOUVENIRS NO HOTEL NACIONAL SAÍRAM PRESENTES PARA VÁRIAS PERSONALIDADES

do por falta de espaço para tanta gente”, diz o pioneiro.

Foi também Juscelino que proporcionou a estréia de Guilherme na nova capital federal como comerciante de festas oficiais. Isso porque foram fabricadas

PIONEIROS

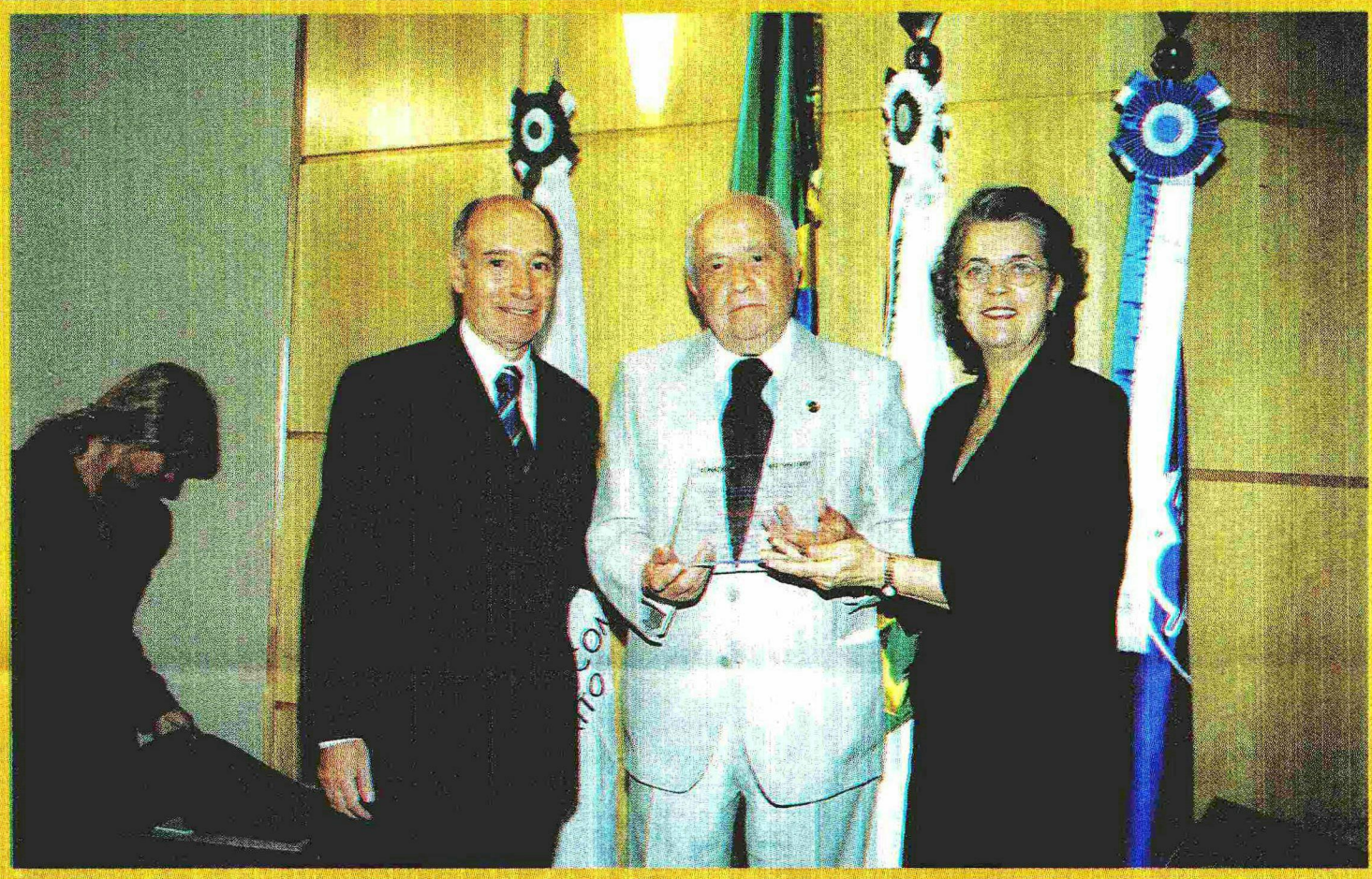
Desde o primeiro momento na cidade, dedicou-se a criar e fabricar souvenirs. O papa João Paulo II tem uma miniatura da catedral esculpida em ouro pelo próprio pioneiro

**GUILHERME ATÉ JÁ
PENSOU EM DEIXAR
BRASÍLIA, MAS AS
AMIZADES E
HOMENAGENS QUE
RECEBE NA CIDADE O
IMPEDEM**

na empresa do pioneiro as lembranças distribuídas para os convidados da festa de inauguração. “Os presentes eram muitos e variados, iam de xícaras e broches até miniaturas da catedral e dos palácios do Planalto e da Alvorada. Tudo confeccionado e criado na minha fábrica”, lembra Guilherme. Até hoje, o comerciante garante que sua fábrica é a única na cidade especializada no assunto. São 42 anos — contando-se apenas a partir da inauguração de sua loja própria no Hotel Imperial — de dedicação às recordações que os visitantes terão de Brasília. “Os presentes preferidos são a réplica da catedral em vários tamanhos e a miniatura do monumento dos Dois Candangos. Essas fazem sucesso em qualquer época do ano”, garante.

Lembranças

Nessas mais de quatro décadas de serviço na capital, alguns produtos de Guilherme foram parar nas mãos de gente muito importante. Primeiro, nas de Juscelino. “Mande para ele um chaveiro em prata com o rosto dele (JK) gravado. Ele gostou tanto que me agradeceu com uma carta escrita de próprio punho”, conta Guilherme, que tem a carta até hoje guardada e plastificada como prova para quem não acreditar na história. Outras duas personalidades mundiais que já foram presenteadas com produtos *made in* Guilherme Silva foram a Rainha Elizabeth II, da Inglaterra, e o papa João Paulo II. “Fico muito orgulhoso quando lembro que sua santidade tem uma miniatura da catedral em ouro, feita especialmente pa-



**“FUI O PRIMEIRO A
PENSAR NA
PROPAGANDA DA
CAPITAL FEDERAL
EM OUTROS
ESTADOS, POIS
TODO MUNDO QUE
VINHA AQUI
QUERIA UMA
LEMBRANÇA PARA
LEVAR PARA CASA**

ra ele por mim”, afirma.

Antes de vir para Brasília, a primeira aventura enfrentada por Guilherme foi sair de Portugal e vir para o Rio de Janeiro, em 1952. “Falava-se muito em Portugal que o Rio de Janeiro e São Paulo eram lugares bons para se crescer”, lembra. Seguindo o conselho de amigos, Guilherme veio de mala e cuia para o Rio de Janeiro — onde ficou muito pouco tempo — e só avisou à esposa e às filhas quando já estava em terras brasileiras. “Telefonei daqui avisando a minha família que tinha me mudado para cá”, lembra, divertido. Menos de dez anos depois, ele já estava em Brasília. “Sempre achei que aqui seria a cidade do futuro. Vir para Brasília ficou sendo um sinônimo de liberdade para toda uma geração”, diz o pioneiro.

Escolha que Guilherme garante ser mais do que acertada, pois aqui o pioneiro se orgulha de ter feito amizade com muita gente — “gente importante e gente

operária também”, como faz questão de frisar. E são amizades tão duradouras que muitas vezes tais amigos são os verdadeiros parentes de Guilherme. Em 44 anos de Brasília, apenas uma vez ele pensou em voltar atrás e regressar a Portugal. E isso faz apenas dois meses. “Preparei tudo para a minha volta. Queria ficar mais perto de minhas filhas, netas e bisnetos. Até vendi algumas coisas e me mudei para o hotel”, conta o pioneiro, que teve jantares de despedida organizados por seus amigos. Mas a lealdade de seus companheiros e a gratidão e o amor por Brasília fizeram o pioneiro ver que o local dele era mesmo aqui. “O Anselmo me falou uma vez que se eu viesse para cá seria um homem completo e feliz. Nem ele sabia que ia acertar tão em cheio”, afirma Guilherme com lágrimas nos olhos e a satisfação de quem já recebeu mais jantares dos amigos — dessa vez em comemoração à decisão de não deixar Brasília.

Raio X

Nome:
Guilherme Pinto da Silva
Idade:
89 anos
Origem:
Cidade do Porto, Portugal, mas veio para a nova capital a partir de São Paulo
Ano de chegada a Brasília:
1959
Profissão:
Comerciante
Filhos:
Ermelinda e Maria Noemia
Netos:
Isabel Maria e Zélia Maria
Bisnetos:
Diana e Bruno